

# Os profissionais da Saúde dominam conceitos utilizados na literatura científica?

Jornal da Universidade / 18 de abril de 2024 / Artigo



## Artigo | Gabriel Guariglia Ghignatti e Vivian Cristine Luft, da Nutrição, defendem a necessidade de os trabalhadores da área melhorarem os conhecimentos de bioestatística e epidemiologia para evitar práticas e tratamentos inapropriados

\*Por Gabriel Guariglia Ghignatti e Vivian Cristine Luft

\*Ilustração: Fabio Alejandro Viera/Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

A quantidade de publicações anuais na literatura científica vem crescendo de forma exponencial, e, ao seu lado, a complexidade dos testes estatísticos também aumenta. Com essa mudança, emergiu a necessidade de os profissionais da saúde se atualizarem para manterem a habilidade crítica de discernir a qualidade dos estudos. Mas será que alguma vez foram plenamente capazes disso? Douglas Altman, já na década de 1990, indicava que não apenas os profissionais não estavam preparados para interpretar trabalhos científicos, como os próprios autores das pesquisas apresentavam dificuldades de domínio em bioestatística e metodologia, necessárias para conduzir estudos de alta qualidade.

Diversos autores da área da metapesquisa discutem a importância de reduzir a quantidade de publicações, focando na qualidade metodológica, para que possam ser publicados trabalhos relevantes. Além de representarem uma poluição para o corpo literário, pesquisas mal conduzidas geram desperdício de tempo dos pesquisadores e dos leitores, desperdício de dinheiro de quem compra o acesso e, de forma mais expressiva, desperdiçam dinheiro público investido.

Esse cenário acarreta diversos problemas para a saúde pública e a sociedade como um todo. Dois casos são particularmente notórios na história da medicina: o primeiro foi o de Andrew Wakefield, em 1998, que elaborou um estudo relacionando vacinas à incidência de autismo em crianças – uma falsidade que perdura até hoje, alimentando o movimento antivacina. O segundo, muito mais recente, ocorreu em 2020, durante a pandemia de covid-19, quando Didier Raoult (entre outros autores em menor escala) publicou estudos questionáveis “demonstrando” a eficácia da cloroquina no tratamento e prevenção da doença. O impacto dessas publicações foi indiretamente responsável pela morte de milhares, senão milhões de pessoas ao redor do mundo – um resultado trágico da falta de conhecimento de grande parte dos profissionais da saúde, incapazes de identificar falhas críticas nesses estudos.

*Nesse contexto, uma revisão sistemática foi conduzida para sumarizar os achados em relação ao conhecimento dos profissionais da saúde. A pesquisa identificou 29 artigos que descreviam o conhecimento de cinco profissões na área da saúde: médicos, dentistas, enfermeiros, farmacêuticos e profissionais da saúde pública, abrangendo desde estudantes até docentes.*

Foram analisados diversos aspectos do conhecimento necessário, desde conceitos mais simples e amplos até temas complexos, e os fatores que influenciam esse conhecimento.

As médias de acertos dos profissionais nas ferramentas avaliativas variaram de 24% a 65%, sendo que a maioria dos estudos mostrou profissionais com média abaixo de 50%. Não há na literatura referência sobre o que seria um escore satisfatório, independente da ferramenta utilizada; entretanto, por avaliarem conhecimentos essenciais em artigos biomédicos, espera-se idealmente um maior domínio por parte dos profissionais. A idade e o tempo desde a graduação impactaram significativamente: profissionais mais velhos e que se formaram há mais tempo tiveram um desempenho até 20% pior que os mais jovens. Embora fazer cursos extracurriculares em bioestatística, epidemiologia e práticas baseadas em evidências tenha melhorado o escore médio, isso não representou um aumento significativo (máximo de 9%).

Alguns pesquisadores sugerem que a discrepância de conhecimento entre profissionais mais experientes e os mais novos pode se dever às mudanças curriculares ocorridas ao longo das décadas. No entanto, ao analisar mais de perto, percebe-se que conceitos básicos como p-valor, intervalo de confiança e desvio padrão são pouco compreendidos tanto por mais ou menos jovens. Isso indica que, se houve mudanças nas grades curriculares, elas não foram suficientes para suprir as lacunas de conhecimento existentes.

Mesmo com uma melhoria em relação ao passado, a dificuldade para interpretar a literatura científica permanece preocupante. O impacto dessa falta de preparo, como já discutido, reflete-se nos erros cometidos por vários profissionais da saúde, como foi observado durante a pandemia de covid-19. Dessa forma, enquanto não houver um esforço coletivo das universidades para estabelecer uma base conceitual sólida em bioestatística e epidemiologia, consolidando a compreensão de forma aplicada à prática profissional, as pessoas continuarão morrendo por desinformação e negligência.

É crucial destacar que, apesar da existência de múltiplos estudos avaliando o conhecimento, as ferramentas utilizadas variam consideravelmente entre si. Mesmo baseando-se em critérios similares, a variação é substancial, dificultando a generalização dos resultados. No entanto, o conjunto dos estudos, de forma geral, demonstrou resultados semelhantes de desempenho abaixo do esperado, desde estudantes até docentes, permitindo afirmar que a lacuna de conhecimento se estende por todas as etapas da formação. Portanto, são necessários estudos que utilizem o mesmo questionário em diferentes profissões, para obter uma avaliação mais confiável e uniforme.

Gabriel Guariglia Ghignatti é graduando em Nutrição pela UFRGS.

Vivian Cristine Luft é professora do curso de graduação em Nutrição e dos Programas de Pós-Graduação em Epidemiologia e em Alimentação, Nutrição e Saúde.

*“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”*

### :: Posts relacionados



A nova rotulagem de alimentos no ensino básico



Orientações sobre alimentação de pessoas portadoras de doença celíaca em abrigos



Empreendedorismo e Alimentação Saudável



A raça na amamentação e alimentação infantil

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs  
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA  
UNIVERSIDADE

UFRGS  
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |  
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:  
90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

View on Instagram